

**UM ESTUDO À LUZ DOS PROCESSOS ARGUMENTATIVOS: ALGUMAS
REFLEXÕES A PARTIR DAS COLABORAÇÕES DA ANÁLISE DO DISCURSO DE
ORIENTAÇÃO FRANCESA^{1 2}**

***A STUDY IN THE PERSPECTIVE OF ARGUMENTATIVE PROCESSES: SOME
REFLECTIONS FROM THE COLLABORATIONS OF THE FRENCH
ORIENTATION DISCOURSE ANALYSIS***

Andréia Teixeira³
Mestra em Educação e Docência
Universidade Federal de Minas Gerais – Faculdade de Educação
(andreia.teixeiranl@hotmail.com)

Juliane Ferraz Oliveira⁴
Mestra em Linguística e Língua Portuguesa
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
(jujuh.ferraz@hotmail.com)

Sabrina Gabriela Vicentini⁵
Mestra em Letras
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
(sgvicentini@gmail.com)

RESUMO: Este estudo tem por objetivo traçar uma análise crítica dos artigos de opinião de Marina Andrade e Mariana Barreto, publicados no Ultrajano e no GGN, respectivamente em 2019. Para alcançá-lo, orientamo-nos por construtos teóricos no âmbito da Análise do Discurso, assumindo o quadro de representação do preenchimento das vozes e dos lugares enunciativos, proposto por Charaudeau. Por meio dessa base teórica procuramos compreender os processos enunciativos implicados nas interações discursivas presentes nos dois textos analisados. Ao final das análises, foi possível entender as estratégias argumentativas que sustentam os dois artigos de opinião, bem como perceber a noção de interdiscurso, além de outros pontos de encontro entre ambos.

Palavras-chave: Artigo de opinião. Procedimentos argumentativos. Análise do Discurso. Processos enunciativos. Interdiscurso.

ABSTRACT: This study aims to provide a critical analysis of the opinion articles by Marina Andrade and Mariana Barreto, published in Ultrajano and GGN, respectively in 2019. To achieve this, we are guided by theoretical constructs within the scope of Discourse Analysis, assuming the representation table of the filling of voices and enunciative places, proposed by Charaudeau. Through this theoretical basis, we seek to understand the enunciative processes

¹ Um primeiro esboço deste trabalho foi desenvolvido na disciplina “O discurso em análise – princípios, conceitos, procedimentos e categorias analíticas”, do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC-MG, ministrada pelos professores Dra. Maria Angela Paulino Teixeira Lopes e Dr. Hugo Mari, a quem agradecemos pelas primeiras observações sobre o estudo.

² Bolsista Capes I, Bolsista Capes II e Bolsista Capes I, respectivamente.

³ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0642-4301>

⁴ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1326-5609>

⁵ Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6168-0068>

involved in the discursive interactions present in the two analyzed texts. At the end of the analyses, it was possible to understand the argumentative strategies that support the two opinion articles, as well as to understand the notion of interdiscourse, and other meeting points between them.

Key-words: Opinion article. Argumentative procedures. Speech analysis. Enunciation processes. Interdiscourse.

Introdução

Sabendo a importância das discussões acerca dos processos sócio-históricos pelos quais o Brasil passa, comprometemo-nos a ler e analisar de forma crítica dois artigos que tematizam a nossa atual situação político-social. Portanto, temos por objetivo traçar uma análise crítica dos artigos de opinião de Marina Andrade e Mariana Barreto, publicados no *Ultrajano* e no *GGN*, respectivamente em 2019.

O primeiro artigo é **O viés da burrice ou uma questão de deboche**; e o segundo denomina-se **Brasil, enfim podemos juntar a hipocrisia, a arrogância e a covardia às nossas marcas identitárias. Virou hábito, tá valendo**. Para alcançar o referido objetivo, orientamo-nos por construtos teóricos no âmbito da Análise do Discurso, assumindo o quadro de representação do preenchimento das vozes e dos lugares enunciativos, proposto por Charaudeau (2001, 2007, 2008). Por meio dessa base teórica procuramos compreender os processos enunciativos implicados nas interações discursivas propostas nos dois textos analisados. Assim, tentamos descrever a multiplicidade de vozes/papéis enunciativos que compõem cada um dos elementos das cenas enunciativas em estudo: pessoa (eu-tu); tempo; espaço. Nunca é demais lembrar que cada um desses componentes da cena enunciativa não deve ser compreendido de forma individual, mas como um conjunto de vozes, tempos e espaços.

Também como parte da análise, abrangemos questões argumentativas. Para tanto, recorreremos à perspectiva de Koch (1983, 2015). Já que o artigo também considera que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo, construímos nossos enunciados procurando dotá-los de força argumentativa. De modo geral, por meio do discurso, buscamos convencer, avaliar, julgar, persuadir o outro para determinadas opiniões. Por fim, apresentamos ainda uma breve comparação entre os dois artigos de opinião analisados e para isso utilizamos a noção de formação

discursiva e de interdiscurso para demonstrar formações ideológicas e a relação que se estabelece entre estes dois textos.

O artigo estende-se em quatro seções. A primeira apresenta os pressupostos teóricos e metodológicos que orientaram nosso estudo. Seguem-se as análises dos dados obtidos através de um estudo dos dois artigos de opinião já supracitados. Por fim, encontram-se as conclusões que puderam ser tiradas com o trabalho. É preciso ressaltar ainda que não pretendemos delimitar a compreensão dos artigos, mas descrever um dos possíveis caminhos assumidos rumo à interpretação dos processos enunciativos implicados nos artigos em estudo.

Fundamentações teórico-metodológicas

A Análise do Discurso (doravante AD) teve origem por volta da década de 1960 e é um campo disciplinar da Linguística que contribui consideravelmente com os estudos da linguagem. A presente pesquisa encontra-se dentro da perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, especificamente, na teoria de Análise do Discurso Semiolinguística desenvolvida por Patrick Charaudeau.

A teoria Semiolinguística privilegia os aspectos sociocomunicacionais e apresenta procedimentos metodológicos que favorecem a pesquisa uma base conceitual bem definida, além de fornecer categorias de análise linguístico-discursivas⁶.

Diremos que uma análise semiolinguística do discurso é Semiótica pelo fato de que se interessa por um objeto que só se constitui em uma intertextualidade. Esta última depende dos sujeitos da linguagem, que procuram extrair dela possíveis significantes. Diremos também que uma análise semiolinguística do discurso é Linguística pelo fato de que o instrumento que utiliza para interrogar esse objeto é construído ao fim de um trabalho de conceituação estrutural dos fatos languageiros (CHARAUDEAU, 2008, p. 21).

Assim, para o autor, a teoria Semiolinguística é uma abordagem pluridisciplinar que analisa o fenômeno languageiro⁷ na sua relação entre a ação e a influência social.

⁶ Categorias nas quais a materialidade linguística é analisada em termos de efeitos de sentido em contexto específico

⁷ O uso que se faz da linguagem; isto é, a linguagem em uso.

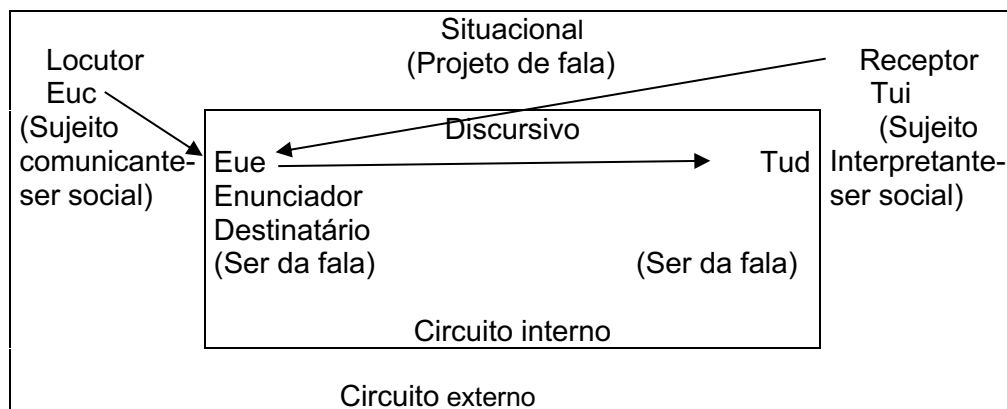
Essa teoria deve ser considerada como um meio de analisar o discurso e não como um fim em si.

Charaudeau (2008, p. 68) considera o ato de linguagem como um dispositivo que apresenta os seguintes componentes, a(as) / o(os):

- Situação de comunicação que constitui o enquadre físico e mental dos parceiros da troca linguageira, os quais são determinados por uma identidade (psicológica e social) e ligados por um contrato de comunicação.
- Modos de organização do discurso que são os princípios organizadores da matéria linguística e que dependem da finalidade do sujeito falante em enunciar, descrever, narrar, argumentar.
- Língua, institui o material verbal estruturado em categorias linguísticas que possuem uma forma e um sentido.
- Texto, representa o ato material do ato de comunicação e resulta de escolhas conscientes (e inconscientes) feitas pelo sujeito falante em meio às categorias de língua e os modos de organização do discurso, em função das restrições atribuídas pela situação de comunicação.

Observa-se que, para Charaudeau, “comunicar” é um fenômeno que não consiste apenas em transmitir uma informação. “Comunicar é proceder a uma encenação” (CHARAUDEAU, 2008, p. 68). O quadro a seguir define resumidamente a situação de comunicação e apresenta os sujeitos existentes no ato de linguagem:

Quadro 1: Situação de comunicação



Fonte: Baseado em Charaudeau (2008, p. 52)

Ademais, Charaudeau (*op. cit.*, p. 45-52) define os sujeitos da linguagem em quatro instâncias comunicacionais, que são eles:

- Sujeito comunicante (EUc): é o sujeito agente que se institui como locutor e articulador da fala, é o responsável pelo ato de produção.
- Sujeito enunciador (EUe): o EUe é apenas uma representação construída pelo sujeito produtor da fala (EUc), é o responsável pela fala. O sujeito enunciador é percebido, construído pelo TUi.
- Sujeito destinatário (TUd): é o interlocutor fabricado pelo EU, é a imagem que EUc faz do TUi.
- Sujeito interpretante (TUi): é o sujeito responsável pelo processo de interpretação que escapa do domínio do EU, esta interpretação leva em conta suas experiências pessoais.

É importante destacar que, para Charaudeau, na relação estabelecida entre *EU-TU* (sujeito produtor do ato de linguagem – sujeito interlocutor desse ato de linguagem), o TU não é um simples receptor de mensagem; mas sim, um sujeito que constrói uma interpretação em relação ao seu ponto de vista sobre determinada circunstância do discurso.

Ao observar o quadro 1 acima, nota-se que o ato de linguagem se compõe em dois circuitos de produção de saber, que conforme Charaudeau (*op. cit.*, p. 53), são:

- **Circuito externo** (processo de produção, situacionais): encontram-se os seres agentes que são constituídos como imagem de sujeito comunicante (EUc) e de sujeito interpretante (TUi), representam um saber ligado ao conhecimento da organização do “real” (psicossocial) que sobre determina estes sujeitos.
- **Circuito interno** (processo de interpretação, discursivos): encontram-se seres de fala, que são estabelecidos como imagem de sujeito enunciador (EUe) e de sujeito destinatário (TUd), procedentes de um saber intimamente ligado às representações linguageiras das práticas sociais.

Deste modo, para análise dos dois artigos de opinião, objeto de estudo dessa pesquisa, procura-se observar o texto verbal encaixando a teoria esboçada acima. É importante destacar também que como parte da análise, abrangemos questões argumentativas. Para tanto, ainda cabe ressaltar que nos embasamos na noção de argumentação recorrendo a perspectiva de Koch (1983, 2015), uma vez que a autora concebe que “a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade” (KOCH, 1983, p.7). Sendo assim, consideramos também que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo, construímos nossos enunciados procurando dotá-los de força argumentativa. De modo geral, por meio do discurso, buscamos convencer, avaliar, julgar, persuadir o outro para determinadas opiniões.

Para a escrita deste trabalho, consideraremos também que os artigos escritos e analisados são como um tipo específico de enunciado, no qual alguém se fixa como locutor e que visa um destinatário. Além disso, todo discurso possui mecanismos que permitem indicar a orientação argumentativa dos enunciados, que são as marcas linguísticas da argumentação. Algumas delas são:

1. Operadores argumentativos
2. Marcadores de pressuposição
3. Modalizadores (indicadores modais)
4. Indicadores atitudinais, índices de avaliação de domínio

Também nos são caro os conceitos de Formação discursiva e Interdiscurso, os quais apresentamos na sequência, pois também visamos comparar os artigos de opinião analisados a partir desses conceitos. Partindo do aporte teórico de Foucault (2008, p. 43), sobre o conceito de Formação Discursiva, tem-se:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como "ciência", ou "ideologia", ou "teoria", ou "domínio de objetividade".

Chamaremos de regras de formação as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva.

Ou seja, a formação discursiva representa o “modo próprio de dizer”, pode-se pensar que é a materialização no discurso da formação ideológica, qual é a ideologia dos textos.

Já o interdiscurso:

O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciator. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso (ORLANDI, 1992, p. 89-90).

Percebe-se que o interdiscurso seria o “já-dito” e dessa forma é importante ressaltar que nem sempre ele é facilmente reconhecido, recuperado, uma vez que pressupõe uma grande gama de informações sociais, históricas exteriores e anteriores ao sujeito enunciator. Tendo em vista esses aspectos, passemos a análise dos artigos de opinião, os quais o presente estudo se propõe a considerar.

Análise dos dados

Artigo 1 - “O viés da burrice ou uma questão de deboche”

Para iniciarmos as reflexões propostas, precisamos destacar que o texto se encontra integralmente ao final deste estudo, convidamos os leitores a consultá-lo no Anexo 1.

Ao tentarmos descrever a cena enunciativa do artigo de opinião **O viés da burrice ou uma questão de deboche**, fica claro que há, pelo menos, duas camadas (circuito interno e circuito externo). Em termos de circuito externo (Quadro 2 abaixo), é preciso dizer que as vozes que se destacam são em princípio as vozes

institucionais/empresariais, já que o enunciador, nesse plano mais amplo, é o Jornal Ultrajano⁸, responsável pela circulação do artigo em análise.

Ainda no âmbito do circuito externo, o interlocutor projetado seria o público-alvo do jornal, ou seja, os leitores e/ou assinantes do veículo. No que diz respeito ao circuito interno, a autora do texto, Marina Andrade, é a enunciativa e o seu destinatário é representado pelos leitores de seu artigo ou outros internautas. Assim, a orientação argumentativa do artigo visa alcançar vários alvos. Traçando uma crítica ao recente estado de coisas na política brasileira, o EU comunicante e o EU enunciativo projetam diversos TUs possíveis no processo enunciativo.

Quadro 2: Estrutura da Enunciação – organização dos sujeitos na linguagem

Prática (ato) de linguagem: Viés da Burrice			
EUC Ultrajano	EUE Marina Andrade	TUD Leitores do Ultrajano/Outros internautas.	TUI Leitores/Assinantes do jornal
Dizer: crítica traçada em artigo de jornal			
Fazer = posicionamentos político-institucionais/empresariais do jornal em questão (Circuito externo)			

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em Charaudeau (2008)

Os tipos de efeito que são produzidos frente ao texto em estudo configuram-se como crítica negativa em relação às atitudes tomadas pelo governo e, por extensão, ao brasileiro em geral; como elogio irônico ao congratular o presidente pelo tipo e 'qualidade' da burrice que aparenta ter; e acréscimos reais como informações de ações do presidente em relação aos seus processos judiciais e fictícios, como a criação de novos ditados etc. Vale dizer que a orientação argumentativa pode produzir outros tipos de efeitos que possam não ter sido mencionados aqui.

⁸ É um jornal em versão digital (<http://www.ultrajano.com.br/>), idealizado por José Trajano Reis Quinhões, jornalista desde 1963, também microempresário em comunicação, que faz conteúdos exclusivos em seu site e redes sociais sob o nome "Ultrajano". O veículo define-se: "Jornalismo na alma, livre e independente".

Como o artigo é estruturado em cima de uma forma direta de linguagem, mas com uma estilização que possibilita muitos efeitos de sentido e algumas intercalações indiretas, podemos adiantar a estrutura da argumentação a partir de dimensões que captam de imediato esses efeitos.

Um dos enunciados que sustentam o processo argumentativo do texto é - “há no governo Bolsonaro o viés da burrice”; outro enunciado é - “a burrice que sustenta o governo não tem relação com falta de instrução formal”; e “essa burrice está relacionada à falta de processos cognitivos básicos como o simples pensar”. Como forma de sustentar tais enunciados, a autora argumenta que atitudes recentes do presidente justificam a compreensão de que para ter assumido crime de ocultação de provas, ele só pode ser burro.

A autora também desenvolve seu artigo em uma atitude responsiva a enunciados correntes na fala do presidente e de seus aliados de que há “um viés ideológico (na política, na educação, em estruturas de poder estatal como um todo) que deve ser combatido”; um outro enunciado que é construído a partir de um intertexto no modo como o presidente costuma iniciar frequentemente é “No tocante à questão de viés”, forma frequentemente utilizada por Jair Bolsonaro para referir-se a assuntos variados. Mais do que discutir sobre o que seria ideologia ou vieses ideológicos na concepção do governo, a autora propõe, a partir de relação fortemente intertextual, que um outro viés deva ser levado em conta: o viés da burrice.

Nesse sentido, o processo argumentativo do artigo é montado, sobretudo, pela discussão do conceito de burrice, sua natureza conceitual, as ações sustentadas pela burrice e suas relações com o deboche. Apesar de no título a autora parecer intentar uma ação comparativa entre a burrice ou o deboche, seu processo argumentativo é todo estruturado para encaminhar seu interlocutor à conclusão de que o deboche seria algo que precisaria de um tipo de inteligência que se mostra nula nas ações do governante em questão. Mesmo em relação à escolha dos léxicos burrice e deboche, é possível ver a sobreposição de um em detrimento do outro: a quantidade de ocorrências do primeiro (7 vezes) em relação ao segundo (2 vezes) demonstra que o que está em debate é mesmo a questão da burrice e não outra coisa.

Diante dessa discussão, somos capazes de perceber, então, que o processo argumentativo desenvolvido pela autora, mesmo apontando para um projeto de

comparação entre os dois conceitos de burrice e de deboche, encaminha-se para a sustentação de que a burrice é o que realmente está em foco, sendo tematizada durante todo o processo enunciativo.

Outro ponto importante é que a autora constrói seu percurso argumentativo de modo a tornar Jair Bolsonaro uma espécie de representante máximo e orgulhoso da “burrice em seu estado mais bruto” do país. Assim, o presidente do país existe como um tipo de totem que serve como símbolo sagrado de um clã, uma tribo muito peculiar, um grupo social que adora e admira a burrice enquanto fundamento da política e da vida.

Marina afirma que “Suportou, o eleitor bolsonarista, acusações de ser fascista, racista, machista, nepotista, corrupto, miliciano. Mas burro? O povo brasileiro aceita muita coisa, mas burrice não costuma ser perdoada.” De acordo com o excerto, enquanto o presidente Bolsonaro estivesse cometendo atos ilícitos ou de discriminação e preconceito que não demonstrassem a característica de ser burro, eles ainda o defenderiam. E o que acontece agora, segundo a autora, é que a burrice extrapolou limites admissíveis.

Nessa mesma perspectiva analítica, segue a próxima seção com a análise do segundo artigo.

Artigo 2 - “Brasil, enfim podemos juntar a hipocrisia, a arrogância e a covardia às nossas marcas identitárias. Virou hábito, tá valendo”

Pautadas no objetivo inicial deste estudo, prosseguimos com a descrição da cena enunciativa do segundo artigo de opinião, e novamente convidamos os leitores a recorrer ao texto, no Anexo 2 do trabalho.

Em análise, pretendemos trabalhar com a imagem de Bolsonaro construída dentro da cena enunciativa ao longo do artigo. Inicialmente podemos dizer que ficam evidentes, também, nesse artigo dois elementos constitutivos da estrutura da enunciação, ou seja, o circuito interno e o circuito externo. Para haver uma melhor compreensão acerca desses elementos, o Quadro 3 exemplifica a estrutura enunciativa do artigo analisado, contemplando a organização dos sujeitos na linguagem, em consonância com a concepção teórica de Charaudeau (2008).

Quadro 3: Estrutura da Enunciação – organização dos sujeitos na linguagem

Prática (ato) de linguagem: Brasil, enfim...			
EUc	EUe	TUd	TUi
GGN	Mariana Barreto	Leitores do GGN/Outros internautas.	Leitores/Assinantes do jornal
	Dizer: crítica traçada em artigo de jornal		
	Fazer = posicionamentos político-institucionais/empresariais do jornal em questão (Circuito externo)		

Fonte: Elaboração das autoras com base em Charaudeau (2008)

Conforme se evidencia no Quadro 3, há uma construção polifônica presente na estrutura enunciativa do artigo analisado. E, nessa construção, principalmente, no que diz respeito ao circuito externo, torna-se importante reiterar que se destacam, inicialmente, as vozes institucionais, uma vez que a função de enunciador (EUc) atribui-se ao Jornal GGN⁹, que, nesta análise, é o responsável direto tanto pela publicação, como também pela circulação do artigo analisado. Ainda, nesse circuito, é possível perceber que, (TUi), os interlocutores previstos para a leitura do artigo são os internautas e/ou assinantes do jornal.

Com relação ao circuito interno, a articulista, Mariana Barreto, assume o papel de enunciativa (TUi), logo ela tem como destinatários principais os sujeitos/leitores (TUd) do seu artigo. Por meio dessa organização, ficam explícitas as escolhas argumentativas feitas pela autora, assim como a intenção de alcançar o seu público-alvo do Jornal GGN.

Coerentes com tais escolhas, compete dizer, que, o processo argumentativo do artigo em análise, se caracteriza, principalmente, “por fatos ilustrativos”, pelos quais a articulista se utiliza para sustentar a sua tese. Nesse sentido, a autora se

⁹ Também é um jornal eletrônico (<https://jornalggg.com.br/>), idealizado por Luís Nassif em 2013. O projeto jornalístico do jornal GGN (Grupo Gente Nova) é aprofundar temas relevantes pouco abordados pela mídia convencional, é um portal independente. O veículo define-se: “Jornal de todos os Brasis”.

posiciona de modo crítico, a partir de três enunciados bases, constitutivos da estrutura do seu artigo, tais como: 1) “A fragilidade de nossas marcas identitárias”; 2) “A falsidade de comportamento diante de problemas sérios”; 3) “O comportamento de normalidade diante do imoral”.

Logo no título do artigo, é possível perceber que há “uma aposta” explícita feita pela articulista “de que os objetos hipocrisia, arrogância e covardia” são marcas identitárias tipicamente brasileiras e, conseqüentemente, são vistas como pistas de nossas “fragilidades identitárias”. Por meio desse viés argumentativo, e, principalmente, na tentativa de sustentar e reforçar o seu argumento, a autora retoma esses dizeres ao longo do texto, a partir de escolhas lexicais: “hipocrisia, arrogância e covardia” nas linhas (1, 15 e 31), terminologias que qualificam ou expressam características negativas e/ou defeitos dos brasileiros, deixando a entender que os brasileiros são hipócritas, arrogantes e covardes.

Nessa direção, é possível dizer que os tipos de efeito de sentidos produzidos no artigo em análise, configuram-se, também, como uma crítica negativa que qualifica os posicionamentos assumidos pelos brasileiros em geral, sem excluir, é claro, o atual presidente da república, Jair Bolsonaro. A crítica é feita pela autora diretamente a Bolsonaro por conta de suas atitudes, posicionamentos adotados, além da “falsidade de comportamento” presidencial frente aos “problemas sérios” no país, sobretudo nos âmbitos sociopolíticos, econômicos e ambientais, como cita Mariana, por exemplo, as queimadas na Amazônia. A autora argumenta para persuadir seus leitores acerca de julgamento valorativo atribuído ao presidente, visto pela articulista como um irresponsável, “reconhecido, nomeado e classificado como um homem de extrema-direita” - que na atual conjuntura “é majoritariamente ignorado” pelos brasileiros. Também se percebe, em análise, outra crítica feita ao chefe do executivo por causa do seu “comportamento de normalidade diante do imoral”; nesse caso, a autora usa o argumento que Bolsonaro governa “o país repelindo insolente e mentirosamente dados, fatos e realidades”, algo que não podemos aceitar na condição de nativo, segundo a autora. Para tanto, com o intuito de sustentar esse processo de argumentação, a autora se vale de procedimentos e recursos linguísticos, como é o caso da ironia (Vaza Jato) e metáfora (figura podre), possivelmente para explicar as

suas escolhas e posicionamentos na escrita, além de fazer o uso da linguagem direta, eleita para a construção do artigo.

Nesse sentido, percebemos no artigo o tom irônico, a partir do trocadilho feito com o nome “Lava Jato¹⁰” – “Vaza Jato” – provocando esse efeito de sentido no texto, ao mesmo tempo em que traz a interdiscursividade entre “Lava Jato” – “Vaza Jato”. É mais uma crítica que retoma o fato ocorrido com o vazamento de informações sigilosas nas investigações da Polícia Federal brasileira em 2019. Nesse caso, a autora faz uma crítica à “elite econômica e intelectual dos magistrados” de Curitiba, acerca das condutas inadequadas de apoiadores do atual governo bolsonarista. Assim, fica evidente, também a fragilidade nas instâncias jurídicas que estão sob a responsabilidade do governo e representadas pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública do país. Ainda, outro recurso utilizado pela autora foi o uso de metáfora, conforme se vê no trecho [...] “colocaram o retrato de nossa “figura podre” na sala de estar e o mundo o fotografa e compartilha sem cessar”. Nesse trecho, é possível pensar que a articulista retoma novamente o episódio da Lava Jato, além de criticar a podridão e os posicionamentos de pessoas ou “figuras” do alto escalão governamental, evidenciando a podridão presente na figura ou nas pessoas envolvidas.

Enfim, após essa discussão, concluímos que toda a argumentação realizada ao longo do artigo de Mariana Barreto, se sustenta na questão de que a hipocrisia, a arrogância e a covardia estão no centro das marcas identitárias dos brasileiros e, em razão disso, foram essas escolhas lexicais que tematizaram o processo argumentativo do artigo analisado.

Comparação entre os artigos 1 e 2

Para compreender melhor a comparação entre os dois artigos, a seção seguinte inicia a discussão com a noção de formação discursiva.

¹⁰ A “Operação Lava Jato” é a denominação atribuída a um conjunto de investigações realizadas pela Polícia Federal do Brasil, que cumpriu mais de mil mandados de busca e apreensão, de prisão temporária, preventiva e de condução coercitiva, visando apurar um esquema de lavagem de dinheiro que movimentou bilhões de reais em propina. A operação foi de março de 2014 a fevereiro de 2021 e o nome se deve ao uso de um posto de combustíveis para movimentar valores de origem ilícita, investigado na primeira fase da operação.

A formação discursiva representa o “modo próprio de dizer”, pode-se pensar que é a materialização no discurso da formação ideológica, qual é a ideologia presente no artigo 1, “**O viés da burrice...**”, qual é a ideologia presente no artigo 2, “**Brasil, enfim...**”, e como elas se manifestam no discurso?

Inicialmente, a fim de tentar responder estas perguntas, pensamos que o lugar social que o EUC assume, tanto do artigo 1 quanto do artigo 2, é semelhante por compartilharem enunciados com posicionamentos ideológicos de veículos jornalísticos, porém, não desconsideramos que esse posicionamento pode divergir ao pertencerem às fontes diferentes, como vimos nas análises individuais dos artigos, nas seções anteriores deste trabalho.

A formação discursiva do artigo 1 enfatiza uma regularidade de dizeres organizados para demonstrar o “enviesamento da burrice”, nos dias atuais no Brasil, instaurado a partir do governo regente. Aos passos de Foucault, percebemos bem no início a não neutralidade do discurso, ou seja, posições ideológicas do enunciador devidamente marcadas no enunciado: “há no governo de Jair Bolsonaro, inegavelmente, o viés da burrice” (linha 1), claramente um discurso com a opinião da enunciativa, seu modo de pensar sobre o cenário sócio-político contemporâneo. Há vários outros no decorrer do texto. Koch (1983) também explica:

UNIVER

É por esta razão que se pode afirmar que o **ato de argumentar** constitui o ato linguístico fundamental, pois **a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia**, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito: o discurso que se pretende “neutro”, ingênuo, contém também ideologia – a da própria objetividade (KOCH, 1983, p. 7. Grifos da autora).

Além disso, o exemplo acima apresenta também um indicador de atitude (ou estado psicológico), “inegavelmente”, expresso no enunciado. O indicador de atitude é quando o locutor se representa diante dos enunciados que produz. Ao longo do artigo, a enunciativa apresenta outros indicadores de atitudes, exemplos, “Praticamente não se faz mais burrice assim...”, “Trata-se de um tipo extremamente raro...”, “Em um grau absolutamente chocante e inédito...”, “... precisaria de muitas cabeças suficientemente inteligentes”.

E ao longo de todo o texto, ela utiliza-se de estratégias argumentativas como o uso de diversos operadores argumentativos, como por exemplo, “ao passo que”,

“porque”, “no entanto”, “tampouco”, “tal”, que indicam a força argumentativa dos enunciados e a direção para a qual apontam.

Em, “Jair Bolsonaro **afirmou** aos microfones da imprensa, por livres e espontâneas vontade e agressão à cognição geral adversários e apoiadores que **recolheu** as provas da investigação em que foi citado para, segundo ele, ninguém as adulterar. O povo brasileiro **aceita** muita coisa, mas burrice não **costuma** ser perdoada”, temos o que Koch (2015) explica e denomina de mundo comentado. Mundo comentado, porque a atitude do enunciador é responsabilizar-se por aquilo que enuncia, isto “cria uma “tensão” entre os interlocutores que estão diretamente envolvidos no discurso” (KOCH, 2015, p. 54). Bastante enfatizado por meio dos tempos verbais, grifados por nós.

Enquanto a formação discursiva do artigo 2 segue uma regularidade de dizeres marcados subjetivamente, na primeira pessoa do plural (nós, nossos, somos, etc.), além das posições ideológicas desta enunciativa também devidamente marcada, como em “O Brasil sempre foi um país hipócrita, covarde e arrogante, poucas vezes tive dúvidas” (linha 1). No enunciado, em questão, a enunciativa já começa a apresentar seu posicionamento e avaliação sobre o assunto que irá defender, e claro, tentar persuadir o seu destinatário a aderir suas ideias.

Assim, como no artigo 1, no artigo 2 existem muitos indicadores de atitudes, como podem ser vistos nos exemplos, “Difícilmente, alguém passaria incólume à exposição...”, “... um homem de extrema-direita – o que é majoritariamente ignorado entre nós...”, “... que governa o país repelindo insolente e mentirosamente dados...”, “Ouvi recentemente do jornalista Mino...”, “Bolsonaro é um produto genuinamente nacional...”, “... para nós parecem normais, moralmente irrelevantes, os comentários sobre o estado de saúde de D. Marisa...”. Todos delimitando o domínio dentro do qual o enunciado deve ser entendido, ou mesmo o modo como ele é formulado pelo locutor.

Os operadores argumentativos também se apresentam na mesma intensidade do primeiro artigo. São eles: “poucas vezes”, “no entanto”, “porque”, “ainda que”, e muitos outros. Todos apontando a força argumentativa dessa escrita.

No segundo artigo, novamente a postura adotada pela enunciativa é apresentar os enunciados também por mundo comentado. “Para o mundo, a Amazônia **queima**, ou é liquidada **diriam** os mais antigos, vítima da irresponsabilidade

de um presidente, **reconhecido**, **nomeado** e **classificado** como um homem de extrema-direita – o que **é** majoritariamente ignorado entre nós -, que **governa** o país **repelindo** insolente e mentirosamente dados, fatos e realidades.” Os tempos verbais, grifos nossos, em sua maioria, trazem os verbos no presente.

Desta forma, muito da caracterização dos processos enunciativos são parecidos nos dois artigos. A ironia também é um efeito de sentido presente em ambos, enfatizando o caráter crítico. Assim, tanto o artigo 1, “**O viés da burrice...**”, quanto o artigo 2, “**Brasil, enfim...**”, apresentam posicionamentos ideológicos que convergem a uma crítica da situação política do Brasil atual, mostrando principalmente uma burrice, ignorância e hipocrisia a este cenário.

Além disso, todo texto é uma “colcha de retalhos” de outros discursos, de outras vozes. Nem sempre, todavia, temos condições de recuperar todo esse tecido de vozes. Em geral, selecionamos aqueles que nos parecem mais salientes e/ou mais relevantes. O interdiscurso é aquele que remete a outro, ou seja, num discurso temos outros que estão perpassando sua constituição e o ressignificando.

Assim, podemos pensar que o artigo 1, “**Viés da burrice...**” pode ser interpelado como interdiscurso do artigo 2, “**Brasil, enfim...**”. Pois ambos ressaltam uma crítica à política brasileira atual. O discurso sobre a péssima gestão que Jair Bolsonaro vem fazendo, está presente em ambos os textos.

Os excertos a seguir tentam elucidar o que está sendo discutido: —

ARTIGO 1: No entanto, se a cama já estiver feita, a depender apenas da constatação sobre quão funcionais ainda estão às instituições garantidoras do Estado Democrático de Direito no Brasil, descarta-se a hipótese da mera burrice e resta a suspeição de deboche. Se o apreço às regras democráticas nunca foi mesmo uma virtude de Jair Bolsonaro, tampouco o é a inteligência. Um projeto de tal ousadia precisaria de muitas cabeças suficientemente inteligentes. E nenhuma delas foi eleita pelo povo.

ARTIGO 2: Para o mundo, a Amazônia queima, ou é liquidada diriam os mais antigos, vítima da irresponsabilidade de um presidente, reconhecido, nomeado e classificado como um homem de extrema-direita – o que é majoritariamente ignorado entre nós -, que governa o país **repelindo** insolente e mentirosamente dados, fatos e realidades. Ouvei recentemente do jornalista Mino Carta que “Bolsonaro é um produto genuinamente nacional” e o é: hipócrita, arrogante e covarde, como todos e todas nós, da elite à ralé, não poupando as camadas médias, mas estranhamos isso, e preferimos vê-lo como um fascista, oportunista, uma exceção.

Pelos trechos, buscamos destacar que tanto o artigo 1 quanto o artigo 2, apresentam interdiscursividade, porque fazem parte da condição de produção de sentido em que o país está sendo mal administrado, por um gestor “ignorante e hipócrita”. Por isso, a interdiscursividade, a relação entre estes dois discursos.

Considerações finais

Como resultado do investimento, pôde-se perceber que os artigos jornalísticos analisados apresentam diversas estratégias discursivas (uso da ironia, posicionamento crítico, responsividade etc.) para uma construção persuasiva na tentativa de agir sobre os leitores, adeptos às suas posições e também obedecer aos rituais de crítica política (e/ou social), utilizando-se da estratégia de ação argumentativa para dizer a respeito de acontecimentos partilhados socialmente.

Os textos se valem da ironia como um recurso de efeito de sentido. Além de procedimentos e recursos linguísticos, como a metáfora, “figura podre” (artigo 2), possivelmente para explicar as suas escolhas e posicionamentos na escrita. Ambos os textos também apresentam posições ideológicas e interdiscursivas bem marcadas, possivelmente, com o intuito de persuadir o interlocutor para a adesão destes posicionamentos.

Outro aspecto que merece ser mencionado como estratégia de persuasão é o modo como a imagem de Bolsonaro e/ou do governo Bolsonaro é construída de forma negativa para retratar aspectos depreciativos do seu modo de governar, dos seus posicionamentos e da sua ação política como um todo. Para isso, as autoras mobilizam recursos linguísticos que retratam esses elementos negativos, bem como se valem de figuras de linguagem como a ironia e, até certo sentido, a sátira e mesmo a caricatura para ridicularizar as práticas da presidência e do presidente.

Por fim, salientamos que nossa análise não teve como pretensão esgotar todas as possibilidades interpretativas dos artigos em questão. Focamo-nos apenas nos aspectos argumentativos, assim, assumimos que as narrativas podem decorrer de outras análises discursivas, sendo nosso texto complementar aos demais estudos.

Referências

ANDRADE, M. **O viés da burrice ou uma questão de deboche**. Disponível em: <https://www.ultrajano.com.br/o-vies-da-burrice-ou-uma-questao-de-deboche/>. Acesso: em maio 2020.

BARRETO, M. **Brasil, enfim podemos juntar a hipocrisia, a arrogância e a covardia às nossas marcas identitárias**. Virou hábito, tá valendo. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/opiniaio/brasil-enfim-podemos-juntar-a-hipocrisia-a-arrogancia-e-a-covardia-as-nossas-marcas-identitarias>. Acesso em: maio 2020.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. *In*: MARI, H. et al. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso - FALE/UFMG, 2001, p. 23-37.

CHARAUDEAU, P. O contrato de informação midiático. *In*: CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007, p. 67-125.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, 7 ed.

KOCH, I G V. Discurso e Argumentação. *In*: **Letras de Hoje**. Porto Alegre: PUCRS, 1983, p.7-16.

KOCH, I G V. Linguagem e Argumentação. *In*: **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 29-58.

ORLANDI, E P. **As formas do silêncio**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

Anexo 1 - Artigo de Marina Andrade

O viés da burrice ou uma questão de deboche

Marina Andrade - *In*: Ultrajano (04/11/2019)

No tocante à questão de viés, há no governo de Jair Bolsonaro, inegavelmente, o viés da burrice. Aquela burrice que não guarda nenhuma correspondência com falta de instrução escolar e acadêmica e em nada tem relação com cultura ou repertório intelectual – instrumentos, a propósito, pouco garantidores de inteligência.

Praticamente não se faz mais burrice assim nos dias de hoje. Trata-se de um tipo extremamente raro, genuíno e intocado, preservado em uma redoma de ignorância tão paranoicamente erguida que a afasta da simples experiência da vida, da sabedoria empírica, dos ensinamentos cotidianos, do senso comum apreendido do instinto de sobrevivência.

É a burrice em seu estado mais bruto. Um nióbio inexplorado. O enigma de um Kaspar Hauser que jamais será achado. Um deserto de sinapses – não de ideias. Em um grau absolutamente chocante e inédito no Brasil, o sábado dos cidadãos foi abalado pela voluntária confissão de um crime de obstrução de justiça por parte de um presidente da República em exercício.

Como se nada fora, ou como se nada será, a conferir, Jair Bolsonaro afirmou aos microfones da imprensa, por livres e espontâneas vontade e agressão à cognição geral – adversários e apoiadores – que recolheu as provas da investigação em que foi citado para, segundo ele, ninguém adulterá-las.

O meritocrático eleitorado do presidente em constrangedor exercício começa a largar de mão. Há mais preocupação, vergonha e arrependimento pela brincadeira mítica e mitônoma no sufrágio de 2018 contra o sistema – o sistema democrático – do que orgulho.

Suportou, o eleitor bolsonarista, acusações de ser fascista, racista, machista, nepotista, corrupto, miliciano. Mas burro? O povo brasileiro aceita muita coisa, mas burrice não costuma ser perdoada. Fora das milícias virtuais, para muitos, se Jair Bolsonaro de fato sofrer um impeachment pelo crime de obstrução de justiça confesso, como é dito no jargão vigente que enfatiza a separação das sílabas para dar conta de tanta honra ao mérito, foi porque ele mereceu.

Ao passo em que nem mesmo os ditados deste país estão funcionando normalmente, já estão falando alto pelos botecos: “Justiça pouca, minha adulteração primeiro”. Se gritarem nos mercados que com certeza, ficará insustentável dentro do escopo democrático.

No entanto, se a cama já estiver feita, a depender apenas da constatação sobre quão funcionais ainda estão as instituições garantidoras do Estado Democrático de Direito no Brasil, descarta-se a hipótese da mera burrice e resta a suspeição de deboche. Se o apreço às regras democráticas nunca foi mesmo uma virtude de Jair Bolsonaro, tampouco o é a inteligência. Um projeto de tal ousadia precisaria de muitas cabeças suficientemente inteligentes. E nenhuma delas foi eleita pelo povo.

Disponível em: <https://www.ultrajano.com.br/o-vies-da-burrice-ou-uma-questao-de-deboche/>. Acesso: em maio 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JATAÍ

Anexo 2 – Artigo de Mariana Barreto

Brasil, enfim podemos juntar a hipocrisia, a arrogância e a covardia às nossas marcas identitárias. Virou hábito, tá valendo

Por Mariana Barreto – In: GGN – 28/08/19

O Brasil sempre foi um país hipócrita, covarde e arrogante, poucas vezes tive dúvidas. No entanto, visualizar isso era um pouco difícil, as evidências pareciam frágeis porque sempre combinadas às nossas marcas identitárias primordiais: a alegria, a tolerância, o improviso etc. Nossa população, ainda que miserável, dos pontos de vista material e simbólico, é alegre, nossas intolerâncias não ferem, não excluem, não reproduzem as desigualdades, porque as relações de compadrio são seus freios, nosso improviso resolve todo e qualquer problema de ordem institucional, burocrática, quer seja de ordem pública ou privada. Todavia, nos dias de hoje, colocaram o retrato de nossa figura podre na sala de estar e o mundo o fotografa e o compartilha sem cessar.

As últimas mensagens publicadas por nossa melhor série, a Vaza Jato, produzida pelo The Intercept, mostram a elite econômica e intelectual dos magistrados de Curitiba discutindo os

infortúnios experimentados pelo ex-presidente Lula (sim, faço questão de escrever ex-presidente porque faz parte da nossa arrogância insistir em apagar o passado e eu não incorrerei no erro) e sua família; assim como as repercussões sobre os imbróglios envolvendo os incêndios e demais arbitrariedades que acometem a Amazônia, expressam uma certeza: somos hipócritas, arrogantes e covardes. Se duvidamos disso, tenho um exercício simples que cada um de nós pode fazer: nos perguntemos quantos de nós resistiríamos a uma Vaza Jato em nossos grupos familiares, profissional, aquele dos amigos de infância, dos irmãos, da igreja, dos namorados, dos amantes? Qual ateu ou crente suportaria uma Vaza Jato em seus grupos mais espontâneos e nos mais obrigatórios?

Difícilmente, alguém passaria incólume à exposição, ao escrutínio, de suas malícias, de suas falsas moralidades, de suas covardias. Não há necessidade de nenhum exercício de imaginação para acreditar que dentre os efeitos deletérios das revelações se sobressaísse a postura sobranceira do atingido, incapaz de refazer-se do zero, sua covardia tudo negaria e sua arrogância seria a ponta de lança de sua indiferença, pela crença no esquecimento, na covardice de que tudo seja extinto e remido, no desejo oportunista de ser perdoado.

Para o mundo, a Amazônia queima, ou é liquidada diriam os mais antigos, vítima da irresponsabilidade de um presidente, reconhecido, nomeado e classificado como um homem de extrema-direita – o que é majoritariamente ignorado entre nós -, que governa o país repelindo insolente e mentirosamente dados, fatos e realidades. Ouvi recentemente do jornalista Mino Carta que “Bolsonaro é um produto genuinamente nacional” e o é: hipócrita, arrogante e covarde, como todos e todas nós, da elite à ralé, não poupando as camadas médias, mas estranhamos isso, e preferimos vê-lo como um fascista, oportunista, uma exceção. Da mesma forma, para nós parecem normais, moralmente irrelevantes, os comentários sobre o estado de saúde de D. Marisa divulgados hoje pela Vaza Jato, afinal a ex-primeira dama foi uma exceção.

Nossas novas marcas identitárias resistem bem às exceções, porque ainda não nos demos conta que viraram regras.

Mariana Barreto – Socióloga, é Professora Adjunta IV do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC.Brasil.

Disponível em: < <https://jornalggn.com.br/opiniaio/brasil-enfim-podemos-juntar-a-hipocrisia-a-arrogancia-e-a-covardia-as-nossas-marcas-identitarias>. Acesso em: maio 2020.

Recebido em 31 de agosto de 2021
Aprovado em 18 de novembro de 2021